

POSSÍVEIS RISCOS DE ADOECIMENTO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO ATUANTES EM UMA INSTITUIÇÃO QUE ATENDE CRIANÇAS EM VULNERABILIDADE

The Possible Risk of Illness of Education Professionals Working in an Institution That Serves Children in Vulnerability

El Posible Riesgo de Enfermedad de los Profesionales de la Educación que Trabajan en una Institución que Atiende a Niños en Situación de Vulnerabilidad

Resumo: Introdução: O contexto de trabalho dos profissionais envolvidos na educação infantil está diariamente vinculado ao relacionamento interpessoal com as crianças, fato que pode influenciar na saúde ocupacional desses trabalhadores. **Objetivo:** Investigar possíveis riscos de adoecimento dos profissionais que dão suporte educacional a crianças em condições de vulnerabilidade. **Método:** Abordagem descritiva qualitativa. O público alvo foram os profissionais da área da educação que atuam em uma instituição de ensino que atende crianças em vulnerabilidade. Os dados foram analisados pela técnica de análise de conteúdo. **Resultados:** Para melhor organização das discussões, os dados estão apresentados em duas categorias. A primeira é intitulada "caracterização da amostra" e ocupou-se em apresentar os dez participantes, sendo estes nove mulheres e um homem, com média de idade de 37,8 anos. A maioria era solteiro, tinha Ensino Superior Completo, eram professores e a maioria era católico. A segunda apresenta uma reflexão sobre "o impacto do contexto de trabalho na vida dos profissionais" nesta pode-se constatar que as demandas apresentadas pelas crianças em vulnerabilidade afetam diretamente a saúde e a vida destes professores. **Considerações Finais:** Observa-se que o relacionamento interpessoal existente entre os trabalhadores e as crianças pode gerar nos trabalhadores reflexões sobre a sua vida pessoal, assim como, as demandas reais das crianças e o replanejamento das aulas são fatores que causam cansaço e estresse e exercem influência na vida pessoal e laboral destes.

Palavras-chave: Educação, Trabalho, Riscos Ocupacionais, Saúde do Trabalhador, Terapia Ocupacional.

ABSTRACT: Introduction: The working context of professionals involved in early childhood education is daily linked to the interpersonal relationship with children, a fact that can influence the occupational health of these workers. **Objective:** To investigate possible risks of illness of professionals who provide educational support to children in vulnerable conditions. **Method:** Qualitative descriptive approach. The target public were the professionals in the area of education who work in an educational institution which assists children in vulnerable conditions. The data were analyzed by the content analysis technique. **Results:** To better organize the discussions, the data are presented in two categories. The first is entitled "characterization of the sample" and was concerned with presenting the ten participants, being these nine women and one man, with an average age of 37.8 years, the majority were single, had complete college education, were teachers and the majority were Catholic. The second one presents a reflection on "the impact of the work context on the life of professionals" in which it can be seen that the demands presented by children in vulnerability directly affect the work, health and life conditions of these teachers. **Final Considerations:** The interpersonal relationship existing between workers and children can generate in workers reflections on their personal life, as well as, the demands of children and the replanning of classes are factors that cause tiredness, stress and reflect on their personal and working life.

Key words: Education, Work, Occupational Risks, Occupational Health, Occupational Therapy.

Resumen: Introducción: El contexto laboral de los profesionales que participan en la educación de la primera infancia está diariamente vinculado a la relación interpersonal con los niños, hecho que puede influir en la salud laboral de estos trabajadores. **Objetivo:** Investigar los posibles riesgos de enfermedad de los profesionales que prestan apoyo educativo a los niños en condiciones vulnerables. **Método:** Enfoque descriptivo cualitativo. El público al que se dirigía era el de los profesionales de la educación que trabajan en una institución educativa que asiste a niños en condiciones vulnerables. Los datos fueron analizados por la técnica de análisis de contenido. **Resultados:** Para organizar mejor los debates, los datos se presentan en dos categorías. La primera se titula "caracterización de la muestra" y se ocupó de presentar a los diez participantes, que eran nueve mujeres y un hombre, con una edad media de 37,8 años, la mayoría eran solteros, habían completado la educación superior, eran profesores y la mayoría eran católicos. El segundo presenta una reflexión sobre "el impacto del contexto laboral en la vida de los profesionales" en la que se puede observar que las exigencias que presentan los niños en situación de vulnerabilidad afectan directamente a las condiciones de trabajo, salud y vida de estos maestros. **Consideraciones finales:** Observar que la relación interpersonal existente entre los trabajadores y los niños puede generar en los trabajadores reflexiones sobre su vida personal, así como, las demandas de los niños y la replanificación de las clases son factores que provocan cansancio y estrés y reflexionan sobre su vida personal y laboral.

Palabras claves: Educación, Trabajo, Riesgos Laborales, Salud Laboral, Terapia Ocupacional.

Renata Costa Garcez

Terapeuta Ocupacional graduada pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.
eehgarcez@hotmail.com

Aline Sarturi Ponte

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.
alinesarturi@hotmail.com

Priscilla de Oliveira Reis Alencastro

Mestra em Gerontologia pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.
priscilla.alencastro@ufsm.br

1 INTRODUÇÃO

As Instituições de ensino e suporte a crianças em vulnerabilidade têm passado por uma série de evoluções no processo escolar. Nestas, as crianças devem receber o apoio que necessitam e serem acompanhadas por diversos profissionais que trabalham com o objetivo de fornecer suporte, orientação e ensino. O termo vulnerabilidade associa-se aos conceitos de fragilidade e de dependência, que podem estar relacionados a situações vivenciadas por algumas crianças, principalmente as que compõem famílias de classes sociais mais baixas. O estado de vulnerabilidade pode comprometer as condições de saúde das crianças, devido aos aspectos psicológicos, sociais ou mentais envolvidos¹.

As discussões sobre vulnerabilidade das crianças na América Latina são recentes. Estas têm como objetivo compreender as questões relacionadas a vulnerabilidade para além dos fatores de renda ou posse de bens materiais. Sendo assim, as discussões vinculam o conceito de vulnerabilidade as concepções do Estado de Bem-Estar Social².

Os principais aspectos ligados à vulnerabilidade que as crianças brasileiras estão geralmente vinculadas são: o alcoolismo, conflito entre casais (crianças passam a ser testemunhas das agressões) e outras formas de violência. Ainda, as condições do local onde a criança reside, são normalmente vinculadas à precariedade da oferta de instituições e serviços públicos; à falta de disponibilidade de espaços destinados ao lazer; assim como à proximidade dos pontos de venda controlados pelo tráfico de drogas. Estes fatores estão relacionados ao estado de vulnerabilidade¹.

Deste modo, compreende-se que o estado de vulnerabilidade das crianças, o intenso envolvimento emocional com os problemas dos alunos, a desvalorização social do trabalho de professor, a falta de motivação para o trabalho, a exigência de qualificação, as classes numerosas, a escassez de tempo para descanso e lazer³, a carga horária excessiva e as exigências do mercado de trabalho, são fatores que têm comprometido a saúde dos profissionais que trabalham em serviços educacionais com estas crianças, fatores que podem leva-los ao adoecimento ou ao afastamento dos seus postos de trabalho⁴.

Além destes fatores, os referidos profissionais têm enfrentado maiores complexidades do que as demandas que lhe são atribuídas e uma fragmentação da sua atividade de trabalho, que condiz com um processo histórico de mudança do contexto social⁵. Os profissionais da área da educação deparam-se em seu cotidiano de trabalho com um aumento das responsabilidades e exigências, precisando assim, demonstrar saberes pedagógicos, mas também suas habilidades emocionais e sociais⁶.

Os agravos à saúde dos profissionais da área da educação são discutidos pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) desde 1983. A profissão é considerada a segunda categoria profissional, em nível mundial, a apresentar mais doenças de caráter ocupacional. Para a OIT a profissão de educador é considerada uma das mais estressantes já que ensinar se tornou uma atividade desgastante, e que o contato direto com o público

vem sendo apontado pela literatura como um agravante para a deflagração de doenças psicossomáticas⁷.

Os fatores apresentados têm refletido na saúde física, mental e no desempenho profissional destes trabalhadores^{7,8,9}. Os desgastes osteomusculares e transtornos mentais (que incluem sintomas como apatia, estresse, desesperança e desânimo) são apontados pela literatura como adoecimentos típicos em profissionais da área da educação¹⁰.

Para Menezes¹¹, a saúde do trabalhador está relacionada as dinâmicas existentes nas organizações de trabalho e também em aspectos históricos e sociais, e só a partir desse ponto é possível compreender a determinação dos fenômenos. Esse pensamento demarca uma nova maneira de pensar a saúde e o trabalho, pois enfatiza a forte presença da dimensão histórico-cultural na constituição humana, a qual integra os aspectos biológicos e psicológicos ao contexto social e histórico envolvido.

As discussões sobre a saúde dos profissionais da área da educação têm adquirido crescente relevância, sendo foco de vários estudos^{12,13}. O resultado dos estudos gera preocupação para profissionais das áreas da gestão assim como para as entidades sindicais e governamentais¹².

Levando em consideração os esclarecimentos anteriores que justificam a elaboração da pesquisa, este estudo tem como objetivo investigar os possíveis riscos de adoecimento dos profissionais que dão suporte educacional a crianças em condições de vulnerabilidade.

2 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como descritivo e qualitativo e seguiu todos os procedimentos éticos de acordo com as Resoluções 466/2012 e 510-2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos de uma Universidade Federal do interior do Rio Grande do Sul, sob parecer de número 2.887.893.

O estudo respeitou os seguintes critérios de inclusão: i) profissionais da área da educação que tenham contato direto com os alunos; ii) que façam parte do quadro de profissionais da instituição escolhida; iii) de ambos os sexos; vi) com idade igual ou superior a 18 anos e; v) que concordem em participar do estudo. Foram excluídos deste estudo: i) profissionais que atuassem na gestão da instituição (gestores e secretários), na biblioteca, na cozinha, na portaria e nos serviços gerais; ii) que não fossem profissionais da instituição escolhida e; iii) que não concordem em participar do estudo.

O trabalho foi desenvolvido junto a uma Instituição de Ensino filantrópica situada em um município do interior do Rio Grande do Sul. A escolha da Instituição deu-se pelo

fato de que esta dedica-se a oferecer suporte educacional para crianças em vulnerabilidade. O público alvo foi constituído por profissionais da área da educação que trabalham diretamente com as crianças. A Instituição conta com dez profissionais nesta área e todos concordaram em participar do estudo.

A coleta de dados foi realizada nos meses de outubro e novembro do ano de 2018. Para a realização desta utilizou-se uma entrevista semiestruturada (elaborada pelos pesquisadores especialmente para este estudo), constituída por questões que se referem aos dados sociodemográfico (sexo, idade, estado civil, profissão) e outras quatro perguntas (apresentadas no Quadro 1), que tinham como objetivo fazer os profissionais refletirem sobre o seu contexto de trabalho e como as demandas reais apresentadas pelas crianças têm rebatimentos em suas vidas e no trabalho.

Quadro 1. Questões da entrevista semiestruturada.

QUESTÕES
Como a realidade das crianças influencia na sua vida?
Quais são as sensações/sentimentos após um dia de serviço?
Como é a sua relação com a sua família?
Como você percebe que as demandas do trabalho influenciam no seu cotidiano?

Fonte: Elaborado pelos autores do estudo.

As entrevistas foram realizadas na própria instituição, em uma sala reservada. Na sala permaneciam somente o entrevistado e o pesquisador. Ressalta-se que a coleta de dados só era iniciada após a explicação da proposta do estudo e consentimento dos participantes, que era dado mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As entrevistas foram gravadas em áudio e tiveram a duração de aproximadamente 30 minutos. Após a conclusão da coleta de dados as entrevistas foram transcritas e os dados foram analisados seguindo os procedimentos da Análise de Conteúdo, técnica de análise dados, proposta por Bardin¹⁴. Para preservar as identidades dos participantes, os trabalhadores foram codificados como "Participantes 1", "Participante 2", "Participante 3" e assim consecutivamente.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para melhor apresentação dos dados foram criadas duas categorias, que se basearam nas falas que se acredita ser de maior destaque nas entrevistas, ou seja, as que tive-

ram maior relação com o objeto e o objetivo da pesquisa. A seguir descrevem-se as categorias desenvolvidas, sendo a primeira, "Caracterização da amostra dos profissionais da área da educação" e a segunda "O impacto do contexto de trabalho na vida dos profissionais".

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Participaram do estudo dez profissionais, sendo nove mulheres e um homem. A predominância das mulheres nas instituições educacionais é amplamente discutida por diversos pesquisadores^{15, 16, 17, 18}. Estes postos de trabalho são culturalmente ocupados por mulheres, principalmente nas etapas iniciais do processo educacional. Tal predominância associa-se à expansão do sistema educacional brasileiro que ocorreu na segunda metade do século XX. O ato de ensinar é atualmente uma atividade desempenhada por ambos os sexos, mas no período da expansão do sistema educacional brasileiro acreditava-se que as mulheres poderiam desempenhar melhor a função, pois já a exerciam em seus domicílios ao desempenharem o papel de cuidadoras e educadoras dos seus próprios filhos¹⁹.

A média de idade dos participantes foi de 37,8 anos, sendo a idade mínima igual a 25 anos e a máxima de 51. Os dados com relação a faixa etária aproximam-se dos encontrados nos estudos de Pereira et al¹⁵ (39,2 anos de idade) e Silva et al¹⁷ (45,6 anos de idade) com população semelhante à desta pesquisa. Porém, em estudo realizado por Guerreiro et al¹⁹ a maioria dos participantes tinham idades que correspondia a faixa etária de 40 a 49 anos. A partir dos dados encontrados neste estudo e dos apresentados pelos autores citados, pode-se observar a prevalência de profissionais na área da educação relativamente jovens, correspondendo a faixa etária de jovens adultos (20 aos 40 anos de idade²⁰) e meia idade (40 aos 60 anos de idade²⁰).

Quanto à situação civil, cinco eram solteiros; quatro profissionais eram casados e um vive uma união estável. Estes dados não se assemelham com o apresentado por Guerreiro et al¹⁹ já que no presente estudo a maioria dos participantes tinha algum tipo de união matrimonial, diferentemente do estudo apresentado pelo referido autor.

Ao analisar o nível de escolaridade dos participantes, pode-se perceber que seis tinham Ensino Superior Completo; três tinham Pós-Graduação e um tinha Ensino Superior Incompleto. No estudo realizado por Guerreiro et al¹⁹ a maioria dos participantes tinha pós-graduação à nível de especialização.

O fato da maioria dos participantes terem Ensino Superior está associado as exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de dezembro de 1996. De acordo com a lei, todos os professores, independente dos níveis de ensino que atuam, devem ter diploma de graduação²¹. Já com relação às profissões, sete eram professores (três professores de música e quatro de series iniciais), um psicopedagogo, um assistente social e um psicólogo.

Ao serem questionados sobre a sua crença percebe-se que quatro são católicos, três são espíritas, dois não especificaram sua crença e um disse que não tem nenhuma crença. Para Fleck et al²² as “crenças pessoais podem ser quaisquer crenças ou valores que um indivíduo sustenta e que formam a base de seu estilo de vida e de seu comportamento” (p.449). Mesmo que a Instituição de Ensino tenha uma vinculação com uma Instituição religiosa, os profissionais atuantes dizem realizar suas práticas de ensino de acordo com suas próprias crenças e ideais.

Frente às discussões realizadas nesta categoria percebe-se a representatividade das mulheres no espaço da educação e o quanto este trabalho está associado às atividades de cuidado, as quais são culturalmente exercidas pelas mulheres até os dias atuais. A idade e o período que eles estão de suas vidas também é um fator que pode influenciar no contexto de trabalho. Com relação às crenças, os participantes afirmam que apesar de realizarem suas atividades de acordo com suas próprias crenças, estas não chegam a influenciar diretamente no trabalho.

3.2 IMPACTOS DO CONTEXTO DE TRABALHO NA VIDA DOS PROFISSIONAIS

Sabe-se que o ser humano é complexo e constituído por diversos papéis, sendo a atividade de trabalho um destes papéis. Percebe-se, a partir dos relatos, que as demandas de trabalho geradas na Instituição de ensino/suporte à crianças em vulnerabilidade, podem influenciar nas percepções pessoais dos profissionais entrevistados.

Eu acho que desde que eu vim para cá eu parei de reclamar da minha vida porque a gente sempre acha que os nossos problemas são os maiores do mundo e aí você os bichinhos tão pequeninhos que já passaram por tanta coisa tão desprovido de tudo que você não tem como repensar no teu universo não há como porque você vê umas crianças assim” (Participante 1).

“Desde que eu entrei aqui eu aprendi a dar muito mais valor para a minha vida, pra mim tá sendo uma experiência única” (Participante 6).

“É, antes influenciava mais, mas eu acredito que seja uma lição de vida que as vezes a gente reclama de muita coisa e tem gente, criança aí que passa e que a gente não passou pela metade das dificuldades que ela já passou. Então a gente começa a dar mais valor à nossa vida” (Participante 8).

As dificuldades de lidar com as situações e realidades vivenciadas com as crianças na Instituição foi um dos pontos ressaltados pelos participantes, conforme refere o participante 9, em sua fala:

"[...]eu tenho crianças em vulnerabilidade, tem, crianças em sofrimento tem todo o tipo de criança aí as vezes de tão estressada de lidar com essas situações eu chego em casa "espraguejando" o mundo porque tem dias que tu consegue se acalmar e tem dias que tu não consegue[...]" (Participante 9).

Os profissionais envolvidos no estudo mantêm contato direto com as crianças. Estes, planejam e desenvolvem diversas atividades curriculares com as mesmas. Mas, os profissionais afirmam que as demandas apresentadas por estas crianças vão além das prescritas pela sua função ou técnica profissional.

Percebe-se que uma das principais necessidades apresentada pelas crianças é a de escuta. As crianças encontram na Instituição de ensino/suporte e nos profissionais da área de educação um espaço que as deixa à vontade para relatar suas vivências. Mas, estes espaços podem deixar o dia de trabalho intenso e gerar uma sobrecarga física e psíquica. Esta sobrecarga é identificada na fala dos participantes 1 e 3, estes referem sentir cansaço/estresse após um dia de trabalho, pois muitas vezes não conseguem desvincular o pensamento das vivências e relatos que aconteceram durante o dia de trabalho.

"O cansaço né, a gente chega muito cansada, muito, muito cansada, porque é o dia inteiro e emocionalmente a gente sai muitas vezes mexida daqui [...] então é complexo e tu sabe a realidade das nossas crianças, é uma realidade complexa e tem algumas histórias que a gente ouve que parece que machuca muito sabe, e mas assim eu acho que é o repensar na nossa vida eu acho que a gente sai exaustivo, sai muito cansado" (Participante 1).

"Estresse, estresse, como eu te disse lá na frente de não conseguir, tu pensa numa coisa com as crianças tu faz durante o dia, tu faz durante a semana, aí dá um feriadinho dá um final de semana e na segunda-feira a criança vem com outra leva de coisas, sentimentos e tudo diferente" (Participante 3).

Os participantes associam o cansaço e o estresse às demandas das crianças, que vão além das demandas que os profissionais foram inicialmente contratados para responder. Segundo Guerreiro et al¹⁸ o relacionamento entre os profissionais que atuam na área da educação com as crianças, ocorre realmente de forma intensa.

Percebe-se nas falas dos Participantes 6 e 10 a existência de uma oscilação entre um dia e outro de trabalho. O Participante 6 complementa a sua fala ressaltando a constante necessidade do replanejamento, devido as demandas apresentadas pelas crianças.

"Geralmente, sempre quando eu saio da escola eu tenho que chegar em casa e elaborar novos planejamentos porque nem um dia é igual ao outro então sempre tenho trabalho em casa, planejo e vejo o que é melhor para aquele dia [...]" (Participante 6).

"São variados né, nem todo o dia é igual. Tem dias que tu sai satisfeito, tem dias que tu sai mais cansado, mas normalmente tu te sente recompensado [...]" (Participante 10).

Segundo Assunção et al²³ à medida que se tornam mais complexas as demandas que as escolas devem atender, também ficam mais complexas as atividades dos profissionais. Estes se encontram, muitas vezes, diante de situações em que não receberam treinamento para executar, encontrando dificuldades para lidar com algumas realidades. Sendo assim, as demandas reais, apresentadas pelas crianças, são fatores que podem influenciar no estado de saúde destes profissionais, pois podem acarretar em adoecimentos ou afastamentos do trabalho devido a carga emocional existente no trabalho. Sendo assim, torna-se importante refletir sobre as consequências do contexto laboral na vida destes profissionais e traçar estratégias para prevenção e promoção da saúde.

Sabe-se que a atuação do terapeuta ocupacional no âmbito da saúde do trabalhador baseia-se em quatro pilares: prevenção de doenças, promoção da saúde e social, reeducação e reabilitação²⁴. Deste modo, as preocupações do terapeuta ocupacional na saúde do trabalhador vão além das questões físicas, a exemplo das ergonômicas, posturais, adaptações ou dos problemas relacionados aos movimentos repetitivos. Este profissional tem o dever de conhecer a real atividade de trabalho desenvolvida pelos trabalhadores analisados. Estes aspectos não devem ser avaliados apenas pela observação.

O terapeuta ocupacional deve ouvir o trabalhador e entender as suas percepções sobre o trabalho e a atividade laboral desenvolvida. Além destes fatores, o terapeuta ocupacional deve conhecer e manter-se atualizado sobre leis e normas previdenciárias, a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), as Normas Regulamentadoras de segurança do trabalho²⁴, assim como as políticas de saúde e segurança do trabalho, são elas: a Política Nacional de Segurança e de Saúde do Trabalhador (PNSST) e a Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora (PNSTT).

Com relação aos profissionais entrevistados no presente estudo, o terapeuta ocupacional pode proporcionar momentos de reflexão entre os trabalhadores, incluindo a gestão, e conversando sobre o ambiente de trabalho e sobre os fatores que vêm sendo considerados adoecedores pelos próprios trabalhadores. Deste modo, o terapeuta ocupacional pode atuar como um agente facilitador do processo reflexivo, mediando a discussão entre trabalhadores e gestores, objetivando melhores condições de saúde para os trabalhadores e melhor execução das tarefas para os gestores.

Ainda, pode-se estimular a reflexão dos trabalhadores acerca de seus direitos e deveres no que se refere a sua saúde e segurança no trabalho, como o resgate do prazer, da espontaneidade, da criação e do controle sobre suas ações, na sua relação consigo, com o seu trabalho e com a empresa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se neste estudo a prevalência de mulheres que estão ocupadas com a educação de crianças, fator este que se apresenta em outros estudos e que se apresenta como culturalmente instituído. A média de idade revela que estes são adultos jovens e em sua maioria solteiros, com nível superior completo.

Constatou-se que o relacionamento interpessoal construído entre as crianças e os trabalhadores geram nestes últimos, reflexões sobre a sua vida pessoal. O replanejamento das atividades propostas, foi um fator que os trabalhadores referiram que interferem no contexto laboral. Este replanejamento ocorre para que sejam supridas as necessidades reais apresentadas pelas crianças, que nem sempre foram as prescritas pela empresa ou treinadas previamente. Frente aos dados apresentados neste estudo, pode-se observar que as demandas das crianças e as necessidades de replanejamento foram referidas pelos trabalhadores como fatores geradores de cansaço e estresse, que refletem na vida pessoal e laboral dos mesmos.

Referências

1. Sierra VM; Mesquita WA. Vulnerabilidades e fatores de risco na vida de crianças e adolescentes. São Paulo em Perspec. 2006; 20:148-55.
2. Abramovay M; Castro MG; Pinheiro LC; Lima FS; Martinelli CC. Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO; 2002.
3. Neves MYR; Silva ES. A dor e a delícia de ser (estar) professora: trabalho docente e saúde mental. Estudos e Pesquisas em Psicologia. 2006; 6(1):63-75.
4. Souza KR; et al. A trajetória do Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação do Rio de Janeiro (Sepe- -RJ) na luta pela saúde no trabalho. Ciência & Saúde Coletiva. 2003; 8(4):1057-1068.
5. León GL. Los profesionales de secundaria, como factores de riesgo en el síndrome de Burnout. Revista Electrónica Educare. 2011; 15(1):177-191.
6. Jennings PA; Greenberg MT. The prosocial classroom: Teacher social and emotional competence in relation to student and classroom outcomes. Review of Educational Research. 2009; 79(1):491-525.
7. Organização Internacional do Trabalho. A condição dos professores: recomendação internacional de 1966, um instrumento para a melhoria da condição dos professores. Geneva: OIT/ Unesco, 1984.
8. Diehl L; Marin AH. Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura. Est. Inter. Psicol. 2016; 7(2): 64-85.
9. Reis EJFB; Araújo TM; Carvalho FM; Barbalho L; Silva M. O. Docência e exaustão emocional. Educação e Sociedade. 2006; 27(94): 229-253.
10. Barros ME; Zorzal DC; Almeida FS; Iglesias RZ; Abreu VGV. Saúde e trabalho docente: a escola como produtora de novas formas de vida. Trabalho, Educação e Saúde. 2007; 5(1): 103-123.

11. Menezes IS. Um olhar psicanalítico sobre a precarização do trabalho: desamparo, pulção de domínio e servidão [tese]. São Paulo: universidade de São Paulo; 2010.
12. Carlotto, MS. Síndrome de Burnout em professores: avaliação, fatores associados e intervenção. Porto, Portugal: LivPsic; 2012.
13. Gasparini SM; Barreto SM; Assunção AA. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. *Educação e Pesquisa*. 2005; 31(2):189-199.
14. Bardin I. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2009.
15. Pereira EFTCS; Andrade RD; Silva-Lopes A. O trabalho docente e a qualidade de vida dos professores na atenção básica. *Rev. Salud pública*. 2014; 16(2): 221-31.
16. Silva EBS; Delboni MCC; Battistel ALHT, Signori LU. Análise funcional com enfoque físico de membros superiores em professores com síndrome dolorosa. *Cad. Ter. Ocup. UFS-Car*, 2015; 23(4):757-764.
17. Prá JR; Cegatti AC. Gênero, educação das mulheres e feminização do magistério no ensino básico. *Revista Retratos da Escola*, 2016; 10(18):215-28.
18. Guerreiro NP; Nunes EFPA; González AD; Mesas AE. Perfil Sociodemográfico, Condições e Cargas de Trabalho de Professores da Rede Estadual de Ensino de um Município da Região Sul do Brasil. *Trab. Educ. Saúde*, 2016; 14(supl. 1):197-217.
19. Codo W. Educação: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes, 1999.
- 20 Papalia DE; Olds SW. Desenvolvimento físico e cognitivo do jovem adulto. *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
21. Brasil. Ministério da Educação. Lei n. 9.394, de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e legislação correlata. 2. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações. 1996.
22. Fleck MP; Borges Z; Bolognesi G; Rocha N. Desenvolvimento do WHOQOL, módulo espiritualidade, religiosidade e crenças pessoais. *Revista de Saúde Pública*; 2003;37(4):446-55.
23. Assunção Á; Andrade O. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. *Educação & Sociedade*. 2009; 30(107):349-372.
24. Watanabe M; Nicolau SM. A Terapia Ocupacional na interface da saúde e do trabalho. In: De Carlo MMR; Bartalotti CC. (Org.). *Terapia Ocupacional no Brasil*. São Paulo: Plexus, 2001. p. 155-172.

Contribuição das autoras: **Renata Costa Garcez** foi voluntária do projeto de extensão e autora do estudo, concepção do texto manuscrito, organização de fontes e/ou análises e redação do texto. **Aline Sarturi Ponte** foi voluntária do projeto de extensão e autora do estudo redação e revisão do texto. **Priscilla de Oliveira Reis Alencastro** foi coordenadora do projeto de extensão, concepção do texto manuscrito, organização de fontes e/ou análises e redação do texto.

Submetido em: 30/05/2019

Aceito em: 30/03/2020

Publicado em: 30/06/2020